

A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES

**GUSTAVE
LE BON**

Tradução de
Agostinho Fortes

ÍNDICE

PREFÁCIO DO AUTOR	11
PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES	17
INTRODUÇÃO – A ERA DAS MULTIDÕES	19

PRIMEIRO LIVRO A ALMA DAS MULTIDÕES

PRIMEIRO CAPÍTULO – CARACTERES GERAIS DAS MULTIDÕES – LEI PSICOLÓGICA DA SUA UNIDADE MENTAL	31
SEGUNDO CAPÍTULO – SENTIMENTOS E MORALIDADE DAS MULTIDÕES	41
1. Impulsividade, mobilidade e irritabilidade das multidões	42
2. Sugestibilidade e credulidade das multidões	45
3. Exagero e simplismo dos sentimentos das multidões	54
4. Intolerância, autoritarismo e conservantismo das multidões	56
5. Moralidade das multidões	59

A PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES

TERCEIRO CAPÍTULO – IDEIAS, RACIOCÍNIOS E IMAGINAÇÃO DAS MULTIDÕES	63
1. As ideias das multidões	63
2. Raciocínios das multidões	67
3. A imaginação das multidões	69

QUARTO CAPÍTULO – FORMAS RELIGIOSAS QUE REVESTEM TODAS AS CONVICÇÕES DAS MULTIDÕES	73
---	----

SEGUNDO LIVRO
AS OPINIÕES E CRENÇAS DAS MULTIDÕES

PRIMEIRO CAPÍTULO – FACTORES LONGÍNQUOS DAS CRENÇAS E OPINIÕES DAS MULTIDÕES	81
1. A raça	83
2. As tradições	83
3. O tempo	86
4. As instituições políticas e sociais	87
5. Instrução e educação	90

SEGUNDO CAPÍTULO – FACTORES IMEDIATOS DAS OPINIÕES DAS MULTIDÕES	99
1. As imagens, as palavras e as fórmulas	100
2. As ilusões	105
3. A experiência	107
4. A razão	108

TERCEIRO CAPÍTULO – OS GUIAS DAS MULTIDÕES E SEUS MEIOS DE PERSUASÃO	113
1. Os guias das multidões	113
2. Os meios de acção dos guias: a afirmação, a repetição, o contágio	118
3. O prestígio	123

ÍNDICE

QUARTO CAPÍTULO – LIMITES DE VARIABILIDADE DAS CRENÇAS E OPINIÕES DAS MULTIDÕES	133
1. As crenças fixas	133
2. As opiniões móveis das multidões	138

TERCEIRO LIVRO
CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DAS DIVERSAS
CATEGORIAS DE MULTIDÕES

PRIMEIRO CAPÍTULO – CLASSIFICAÇÃO DAS MULTIDÕES	147
1. Multidões heterogéneas	148
2. Multidões homogéneas	150
SEGUNDO CAPÍTULO – AS CHAMADAS MULTIDÕES CRIMINOSAS	151
TERCEIRO CAPÍTULO – OS JURADOS DOS TRIBUNAIS DO CRIME	157
QUARTO CAPÍTULO – AS MULTIDÕES ELEITORAIS	165
QUINTO CAPÍTULO – AS ASSEMBLEIAS PARLAMENTARES	175

INTRODUÇÃO

A ERA DAS MULTIDÕES

Evolução da idade actual. — As grandes mudanças da civilização são consequência de mudanças no pensamento dos povos. — A moderna crença no poder das multidões. — Essa crença transforma a política tradicional dos povos. — Como se dá a intervenção das classes populares e como se exerce o poder dessas classes. — Consequências necessárias do poder das multidões. — As multidões só podem exercer funções destruidoras. — É por meio delas que se completa a dissolução das civilizações muito velhas. — Geral ignorância da psicologia das multidões. — Importância do estudo das multidões para os legisladores e homens de Estado.

As grandes alterações que precedem as mudanças de civilização, tais como a queda do Império Romano e a fundação do Império Árabe, por exemplo, parecem, à primeira vista, determinadas principalmente por consideráveis transformações políticas, invasões de povos ou quedas de dinastias. Um estudo mais atento desses acontecimentos prova, porém, que, por detrás das suas causas aparentes, se encontra, na grande maioria dos casos, como causa real uma modificação profunda nas ideias dos povos. As verdadeiras alterações históricas não

são as que nos encham de espanto pela grandeza e violência; as únicas mudanças importantes, das quais provém o renovamento das civilizações, operam-se nas ideias, concepções e crenças. Os acontecimentos memoráveis da História são efeitos visíveis das mudanças invisíveis do pensamento dos homens. E, se estes grandes acontecimentos se manifestam tão raramente, é porque não há nada tão estável numa raça como o fundo hereditário dos seus pensamentos.

A época actual constitui um desses momentos críticos em que o pensamento dos homens está em via de transformação.

Dois factores principais estão na base desta transformação. O primeiro é a destruição das crenças religiosas, políticas e sociais, de que derivam todos os elementos da nossa civilização; o segundo é a formação de condições de existência e de pensamento completamente novas, resultantes das modernas descobertas das ciências e da indústria.

As ideias do passado, se bem que meio destruídas, são ainda muito poderosas e as ideias que as hão-de substituir apenas se encontram em via de formação, pelo que a idade moderna representa um período de transição e anarquia.

Não pode facilmente dizer-se, por enquanto, o que um dia poderá sair deste período forçadamente um pouco caótico. Em que ideias fundamentais se basearão as sociedades que hão-de suceder à nossa? Não o sabemos; mas o que desde já vemos bem é que, pela sua organização, hão-de ter de contar com um poder novo, último soberano da idade moderna, o poder das multidões. Sobre as ruínas de tantas ideias, outrora tidas por verdadeiras e hoje mortas, sobre os destroços de tantos poderes sucessivamente quebrados pelas revoluções, o poder das multidões é o único que se elevou e parece que bem depressa absorverá os outros. Agora que todas as nossas antigas crenças oscilam e desaparecem, que as velhas colunas das sociedades vão derruindo, o poder das multidões é a única força que não é ameaçada e cujo prestígio vai aumentando.

A ERA DAS MULTIDÕES

A idade em que vamos entrando há-de ser, na verdade, a ERA DAS MULTIDÕES.

Há apenas um século, os principais factores dos acontecimentos eram a política tradicional dos povos e as rivalidades dos príncipes. A opinião das multidões, na maioria dos casos, em nenhuma conta era tida; hoje, são as tradições políticas, as tendências individuais dos soberanos e as suas rivalidades que em nenhuma conta são tidas, sendo, pelo contrário, a voz das multidões a preponderante. Essa voz dita aos reis a sua conduta e é a única que estes procuram ouvir; já não é nos conselhos de príncipes mas na alma das multidões que se preparam os destinos das nações.

A intervenção das classes populares na vida política, ou seja, na realidade, a sua transformação progressiva em classes dirigentes, é uma das características mais acentuadas da nossa época de transição. Não foi, na verdade, pelo sufrágio universal, tão pouco preponderante durante muito tempo e tão facilmente dirigível no começo, que se caracterizou essa intervenção. O desenvolvimento progressivo do poder das multidões iniciou-se pela formação de certas ideias que lentamente se foram introduzindo nos espíritos, e depois pela gradual associação dos indivíduos no intuito de realizarem as concepções teóricas. Foi pela associação que as multidões conseguiram formar ideias, senão muito justas, pelo menos muito firmes, dos seus interesses, conseguindo também ter a noção da sua força. As multidões fundam sindicatos perante os quais todos os poderes vão capitulando e bolsas de trabalho que, apesar de todas as leis económicas, tendem a reger as condições do trabalho e do salário; mandam, às assembleias governamentais ou parlamentos, representantes destituídos de qualquer iniciativa e independência e reduzidos a maior parte das vezes às funções de simples porta-vozes dos partidos que os escolheram.

Hoje as reivindicações das multidões precisam-se cada vez mais e pretendem nada menos do que derrubar completamente a

sociedade actual, para a reconduzir ao comunismo primitivo, que foi o estado normal de todos os grupos humanos antes da aurora da civilização. Restrição das horas de trabalho, expropriação de minas, caminhos-de-ferro, oficinas e solo, divisão igualitária de todos os produtos, eliminação de todas as classes superiores em proveito das classes populares, etc., tais são as reivindicações da multidão.

Pouco aptas para raciocinarem, as multidões são extraordinariamente aptas para a acção. Devido à organização que actualmente possuem, a sua força é imensa. Os dogmas a cujo despontar assistimos bem depressa hão-de ter o poder dos velhos dogmas, ou seja, a força tirânica e soberana, que coloca tudo a salvo da discussão. O direito divino das multidões vai substituir o direito divino dos reis.

Os escritores que gozam do apoio da actual burguesia, que melhor lhe representam as ideias um pouco acanhadas, as vistas um tanto curtas, o cepticismo um tanto superficial, e o egoísmo por vezes algum tanto excessivo, completamente se desorientam em presença do novo poder cujo engrandecimento verificam, e, para combaterem a desordem dos espíritos, apelam desesperadamente para as forças morais da Igreja, por eles outrora tão desdenhadas. Falam-nos da bancarrota da ciência e, voltando penitentes de Roma, procuram chamar-nos para os ensinamentos das verdades reveladas. Contudo, estes recém-convertidos esquecem-se de que é muito tarde para conseguirem o que desejam. Se, na realidade, foram tocados pela graça, esta, infelizmente para eles, não tem poder idêntico em almas pouco dadas a preocuparem-se com o que incomoda estes devotos de fresca data. As multidões hoje já nada querem com os deuses que ontem já pouco lhes importavam e que elas ajudaram a quebrar. Não há poder divino ou humano que possa obrigar os rios a subirem para a nascente.

A ciência não fez bancarrota e em nada contribui para a actual anarquia do espírito, nem para o novo poder que no meio desta

anarquia vai crescendo. A ciência prometeu-nos a verdade ou, pelo menos, o conhecimento das relações que a nossa inteligência possa apreender; mas nunca nos prometeu a paz nem a felicidade. Soberanamente indiferente aos nossos entendimentos, não ouve sequer os nossos lamentos. Cabe-nos o procurar viver ou não com a ciência, pois que nada há que possa restituir-nos as ilusões que ela haja feito fugir.

Sintomas universais, visíveis em todas as nações, indicam-nos o rápido aumento do poder das multidões e não nos autorizam a supormos que esse poder deva deixar de aumentar. Seja o que for que esse poder nos traga, a ele temos de sujeitar-nos. Tudo quanto contra esse poder disretemos, não passará de vãs palavras. É possível, sem dúvida, que a intervenção das multidões marque uma das últimas escalas das civilizações ocidentais, um regresso completo para os períodos de confusa anarquia que parece que hão-de sempre preceder o desabrochar de qualquer sociedade nova. Mas, como havemos nós de impedir isso?

Até agora as grandes destruições de civilizações muito velhas constituíram a função mais clara e perceptível das multidões. E, na verdade, não é de hoje que essa função aparece no mundo. A História diz-nos que na ocasião em que as forças morais, sobre as quais assentava uma civilização, perderam o seu domínio, a dissolução final é levada a cabo pelas multidões inconscientes e brutais, com bastante justiça classificadas de bárbaras. As civilizações até agora só têm sido criadas e guiadas por uma pequena aristocracia intelectual e não pelas multidões. Estas só têm poder para destruir e o seu domínio representa sempre uma fase de barbaria. Uma civilização implica regras fixas, uma disciplina, a passagem do instintivo para o racional, a previsão do futuro, um elevado grau de cultura, condições estas que as multidões abandonadas a si mesmas mostraram sempre serem incapazes de realizar. Pelo seu poder unicamente destrutivo, actuam como aqueles micróbios que activam a dissolução dos corpos debilitados

e dos cadáveres. Sempre que o edifício de uma civilização está carcomido, são as multidões que produzem o desmoronamento; é então que a sua principal função se manifesta e, por momentos, a filosofia do número afigura-se-nos a única filosofia da História.

Sucedará o mesmo com a nossa civilização? Eis o que podemos talvez rezear; mas nos é impossível ainda saber.

Como quer que seja, devemos resignar-nos a sofrer o governo das multidões, já que imprevidentes mãos sucessivamente foram derrubando as barreiras que as poderiam sustentar.

Conhecemos muito pouco as multidões de que tanto se começou já a falar. Os psicólogos de ofício, tendo vivido longe delas, desconhecera-nas sempre e, quando delas se ocuparam nestes últimos tempos, foi apenas relativamente aos crimes que elas podem cometer. É fora de dúvida que há multidões criminosas, mas há também multidões virtuosas, multidões heróicas e ainda muitas outras. Os crimes das multidões constituem apenas um caso particular da psicologia dessas multidões e, por isso, conhece-se tanto a constituição mental dessas multidões só pelo estudo dos seus crimes, como se conheceria a de um indivíduo de que só conhecêssemos os vícios.

Contudo, a bem dizer, todos os senhores do mundo, todos os fundadores de religiões ou de impérios, os apóstolos de todas as crenças, os homens de Estado eminentes, e, em mais modesta esfera, os simples chefes de pequenas colectividades humanas, têm sido sempre psicólogos inconscientes, possuindo conhecimentos intuitivos, muitas vezes muito certos, da alma das multidões e exactamente por a conhecerem bem é que com facilidade se fizeram senhores. Napoleão percebia maravilhosamente a psicologia das multidões do país em que governou; mas, por vezes, desconheceu absolutamente a das multidões pertencentes a raças diversas⁽¹⁾; e a isto se deveram principalmente as suas expedições à

⁽¹⁾ Os seus mais argutos conselheiros também a não conheceram, nem compreenderam. Talleyrand escrevia a Napoleão que «a Espanha receberia

península hispânica e à Rússia, em que o seu poder recebeu golpes tais que o derrubaram.

O conhecimento da psicologia das multidões é hoje o último recurso do homem de Estado que queira, já não dizemos governá-las, que isso hoje é difícilimo, mas, ao menos, não ser governado por elas.

Só estudando um pouco profundamente a psicologia das multidões é que se compreende até que ponto as leis e as instituições pouca acção exercem sobre elas; quão incapazes são de terem quaisquer opiniões, além das que lhe são impostas; que não é com regras baseadas na equidade teórica pura, mas procurando o que possa impressioná-las e seduzi-las, que podem ser guiadas. Se um legislador quizer, por exemplo, lançar um novo imposto, deverá, porventura, escolher o que teoricamente seja mais justo? De nenhum modo; pois que o mais injusto poderá praticamente ser o melhor para as multidões e será tanto mais facilmente recebido, quanto menos perceptível e menos pesado seja na aparência. É assim que um imposto indirecto, por mais exorbitante que seja, será sempre aceite sem grandes protestos pela multidão, porque, sendo pago hora a hora nos objectos de consumo diário, às vezes em décimos de real, não lhe altera os hábitos nem a impressão. Mas se, em vez deste imposto, se lançar um imposto proporcional sobre os salários e outros rendimentos, para ser pago por uma só vez em cada ano, levantar-se-ão protestos e reclamações unânimes, embora esse imposto fosse teoricamente dez vezes menos pesado que o outro. É que, neste caso, os décimos de real quase inapreciáveis de hora a hora são na realidade substituídos por uma soma relativamente elevada que parecerá imensa e, por consequência, muito revoltante, no dia em que seja necessário pagar. Só pareceria

os soldados napoleónicos como libertadores». Ora a Espanha recebeu-os exactamente como quem recebe bestas feras, facto este que um psicólogo conhecedor dos instintos libertadores da raça facilmente teria previsto.